

Economistas falam sobre o desafio do coronavírus na economia

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Diante dos efeitos drásticos da pandemia, especialistas dizem em coro que, neste momento, o governo precisa gastar mais. O Jornal Nacional ouviu alguns dos mais importantes economistas brasileiros sobre as declarações do presidente Bolsonaro contra as medidas de isolamento e todos eles afirmam que quem tem o poder para proteger os cidadãos das consequências econômicas dessa pandemia é o próprio presidente Bolsonaro, porque é ele que tem o controle dos recursos da União pra amparar quem perder seu sustento. Os economistas afirmam que, numa crise dessas proporções e com tamanha gravidade, preservar vidas é um dever que se sobrepõe a metas fiscais anuais. Invisível a olho nu, o novo coronavírus virou, em poucos meses, a maior ameaça à economia mundial E atingiu o Brasil num momento de recuperação lenta: com mais de 11 milhões de desempregados, o país deve ter crescimento próximo de zero em 2020, pelas contas do próprio governo Bolsonaro. Os economistas falam em tombo ainda maior. “A nossa projeção hoje é de uma queda de 2,1% no PIB, com quedas muito significativas na indústria e, infelizmente, também uma parada e uma queda no crescimento da construção civil, que estava começando a melhorar”, avalia José Roberto Mendonça de Barros, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda. Na entrevista desta quarta na porta do Palácio do Alvorada, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que, caso se mantenham as medidas de isolamento social decretadas por governadores e prefeitos, será o caos, referindo-se às dificuldades econômicas que as pessoas sem trabalho vão enfrentar. Mas como impedir esse caos social? Isso depende das decisões que ele próprio, presidente, dono do caixa federal, vá tomar. Economistas defendem que é hora de deixar de lado, temporariamente, o ajuste fiscal e de adotar estratégia semelhante a de outros países: liberar recursos e garantir que eles cheguem aos mais afetados pela crise. Que são os de sempre, desempregados, famílias de baixa renda e trabalhadores informais. Milhões de pessoas que, segundo os economistas, precisam mais do que nunca de uma rede de proteção. O ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola pede medidas urgentes e que o governo gaste mais: “Neste momento, acho que o governo federal tem que agir como se tivesse numa guerra, numa emergência. De fato é uma emergência. Tem que se pensar um pouquinho fora da caixa. Então, o governo precisa, nesse momento, abrir os cofres e adotar as medidas que forem necessárias para preservar a economia. Sem abrir mão, evidentemente, das necessárias medidas sanitárias que são exigidas pelo momento”. O ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega é a favor do aumento de gastos: “Em primeiro lugar está o objetivo de salvar vidas. Em segundo lugar, depois, dinheiro na mão das pessoas - particularmente as de renda mais baixa, as menos favorecidas. Em terceiro lugar, salvar as empresas de uma quebra. Esse é objetivo terceiro; o primeiro é salvar vidas. O presidente parece dar a impressão que ele prefere contar os mortos do que contar os desempregados”. A economista Monica de Bolle, pesquisadora em Washington do Instituto Peterson para Economia Internacional, diz que é essencial o socorro aos mais vulneráveis: “Que se institua uma renda básica emergencial ampla pras pessoas que vivem em condições de vulnerabilidade econômica, de precariedade econômica, que trabalhem no setor informal, ou que são autônomas, ou que tem empregos que não tem segurança suficiente. Enfim, há toda uma rede de proteção social a ser reforçada e o Brasil está, nesse momento, perdendo um tempo precioso”. Para o ex-presidente do Banco Central, Armínio Fraga, o importante é garantir que os recursos cheguem a quem precisa: “A dificuldade maior é fazer o dinheiro chegar na ponta. Seria possível através do canal do Bolsa Família, do Cadastro Único e, eventualmente, até de uma mobilização pra cadastrar mais gente. Então, esse seria o ponto número um. Essa é uma crise diferente das que nós tivemos no passado, porque afeta diretamente a capacidade de produção da economia. As pessoas ficam afastadas dos seus trabalhos e isso significa que é preciso ter algum tipo de amortecedor de choque, vamos dizer assim, social. Nós temos um conjunto enorme de

peças no país que vivem com rendas muito baixas, vivem na informalidade, e é preciso tratar delas nesse momento". O economista Marcelo Neri, ex-presidente do Ipea, reforça que o Brasil tem mecanismos que permitem que os recursos cheguem rápido aos mais pobres: "O Brasil dispõe de uma rede de proteção social, composta do Bolsa Família, do Cadastro Único, que permite a gente atuar numa velocidade bastante alta, dando recursos para os mais pobres e, de alguma forma, atingindo também o setor informal. É importante atuar com velocidade nos dois sentidos, no sentido da entrada dos recursos, de não economizar, não poupar, já que estamos falando de vidas, situações muito críticas, mas ao mesmo tempo a gente não cair no problema de criar despesas permanentes que vão dificultar muito a saída da crise". Ex-diretor do Banco Central, Alexandre Schwartzman afirma que a ajuda é uma forma de preservar vidas e a própria retomada da economia: "Nesse momento, a gente tem que deixar as pessoas em casa e a gente vai ter que pensar em alguma maneira de ajudar do ponto de vista de renda essas pessoas, vai ter que passar pelo Estado. Me parece que essa questão essencial agora é a questão de saúde pública, que tem predominância, inclusive, sobre a economia. Se a gente tomar um caminho diferente, de permitir que a epidemia saia de controle, as consequências econômicas podem ser, inclusive, piores". O ex-ministro da Fazenda Henrique Meirelles, que presidiu o Banco Central durante a última crise financeira mundial de 2008, diz que a crise atual é diferente e exige outro tipo de remédio: "A causa da crise não é uma questão econômica, financeira. A causa da crise é uma pandemia, é um problema de saúde. A crise econômica vem como consequência. Então, nós temos que preservar as empresas, fazer com que as empresas possam se manter em funcionamento, etc. Passar por esse período de crise, ajudar as pessoas. Mas a prioridade agora tem que ser conter a razão da crise - que é a pandemia. A razão da crise, que é a doença. Preservar a vida das pessoas e também preservar, depois, a economia". E pra manter os empregos, o ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda José Roberto Mendonça de Barros aponta como caminho facilitar empréstimos e suspender impostos: "Você prorroga a data de recolhimento de tributos, você dá mais tempo pra você fazer certos tipo de acertos. É isso que é a política fiscal expansionista. Você vai aumentar os gastos mesmo, de diversos canais, que é a forma de dar suporte, dar um chão para uma economia que ficou sem chão de repente. A linha de crédito, obviamente, é uma segunda possibilidade, e aí tem muitas coisas pra montar. A Alemanha nas crises anteriores mostrou uma coisa que, criou uma ferramenta que virou clássica, que é criar uma legislação que permita ao governo pagar um pedaço da folha de pagamento das empresas desde que elas mantenham um emprego. Esse é um tipo de programa que você ajuda diretamente as empresas e dá suporte pra população". Pequenas e médias empresas, também merecem atenção especial, segundo os economistas. "O que poderia ser feito seria criar uma linha de crédito mais flexível. Nesse momento, pra uma empresa que teve uma perda tão dramática como várias, é difícil um empréstimo convencional acontecer, isso não é o que um banco tipicamente faz. Então, há um espaço pra uma linha de crédito que seria bancada pela sociedade, ou seja, pelo governo, com características mais flexíveis. Essa linha poderia, por exemplo, cobrir uma parte da folha de pagamento da empresa e ela seria paga - uma vez recuperada a atividade econômica - com uma fração por exemplo da receita da empresa", diz Armínio Fraga. "Quanto menos ágil for essa ação, quanto mais modesta ela for, mais empresas deixarão de existir, mais pessoas sairão do mercado de trabalho e, portanto, você perde organização, perde toda uma estrutura econômica que vai se abalar mais, e a consequência disso é que a própria capacidade de retomada do crescimento fica mais enfraquecida", fala José Roberto. O que aconteceu hoje, diretamente no seu e-mail Obrigado! Você acaba de se inscrever na newsletter Resumo do dia.

